

# SUBMUNDO

CÉLIA

MARIA CECÍLIA DE OLIVEIRA

1º ano do Curso de Psicologia da Faculdade  
de Filosofia e Ciências Humanas

Começava assim. Um fogo na bôca do estômago e despontava como uma agulhada nas costas. Tudo turvo. Um pêso nos olhos e a cabeça queimando no vácuo. Os odores eram terríveis. Carne assada. Coisas gordurosas, escorregadias. Cacos de vidro rasgando meu ventre. O apito de trem. Miolos esmigalhados, pútridos. Depois um grande silêncio. Nem mesmo o grasnar dos urubus.

E sempre acordava com gritos:

— A desgraçada não me paga e dorme o dia inteiro. Bufava a dona da pensão.

Saía pra rua. Rondava os botequins. Remexia nos lixos. Às vêzes esquecia-me de que existia e olhava os outros. Eles se mexiam, comiam, sorriam até.

Eram gente.

O apito do trem chegava me esmigalhando, ensurdecador. Então eu pensava. Lembrava-me do plano mal esboçado nas noites de sujeira, de fome. De amor feito com suor, grudando sôbre os panos ensebados, e os percevejos a picar sempre.

Sim. O meu plano. A única coisa minha. Limpo. Não tinha o cheiro fétido do cubículo nem as mãos pegajosas.

Mas êle quase não existia. Precisava ser concebido, estruturado. Imaginar os pormenores. Situá-lo no tempo e no espaço.

O espaço fluido escapava-me sempre por entre os dedos. E o tempo significaria os intermináveis intervalos entre um corpo e outro?

Seria antes, quando fantasmas me avisavam que estava chegando a hora? Ou depois daquela náusea, daquela vontade de me vomitar inteira e sujar o resto do mundo?

As coisas se misturavam, se escondiam.

E voltava tudo outra vez. O suor, a podridão. Depois os delírios, as dôres, o nôjo.

O meu plano flutuava. Nos momentos de grande lucidez, chegava mesmo a existir. Podia até acariciá-lo. Nos momentos de sujeira êle sumia. Se escondia para continuar sempre limpo.

Agora as dôres existem mais. E arrancam o sangue do meu peito. Solto golfadas sôbre os trapos. A língua fica visguenta, com gôsto de carne pútrida.

As paredes dançam no vazio. Se enroscam no espasmo louco das orgias.

As baratas lambem as imundícies acumuladas.

E elas riem. Riem de gôzo. O môfo as cobre de veludo.

O calor aumenta. Baforadas rançosas ondulam sôbre meu corpo.

Tento me libertar. Fujo. As ruas também se ondulam.

E fedem.

As pessoas me empurram. Dão gargalhadas. Cospem-me. Dizem que estou embriagada.

Depois aquela roda. Tudo girando. Surgem corvos humanos. Fazem um julgamento. Apontam-me sempre. Sei que falam de mim. Que me odeiam. Desprezam-me.

Mas estão ávidos da minha carne. Os olhos ensangüentados examinam meu corpo. Quanto mais podre melhor.

Agora êles me vigiam. Seguem meus passos. Acompanham-se nos delírios.

A garganta arde. Não consigo respirar. Sufoco-me. Sinto-me sôbre brasas. Mil capitas me espreitam. Carnívoros.

A dor do meu peito é terrível. Já me afofo nas golfadas de sangue que borbulham na minha bôca.

Espectros povoam o quarto.

As paredes dançam. Os corvos pulam sôbre mim. Gramam. Arrancam pedaços de vísceras.

O fedor aumenta. Cheiro de carne crua. Sangue quente a escorrer pelos trapos.

Não há mais corvos. As paredes descansam.

Tudo é silêncio.

Uma réstia de sol entra pela janela. E pouco a pouco vai iluminando as carnes que descansam sôbre os trapos ressecados de sangue.